

Entrevista com o antropólogo **Júlio Tavares**, professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

**1) Em sua opinião, qual é o papel da Psicologia frente ao racismo?**

O papel da Psicologia é procurar mapear os estereótipos e as representações e, junto com a Antropologia, descrevê-los, no sentido de fornecer evidências para esses mecanismos de dissimulação e de exclusão que existem no Brasil. É um trabalho de arqueologia no imaginário nacional, seja através da clínica, seja através de pesquisas descritivas. Qualquer área pode ajudar bastante nisso, porque, afinal, o racismo ataca em múltiplas frentes e só um contra-ataque também em múltiplas frentes pode cerceá-lo.

**2) Você acha que tem havido um trabalho satisfatório nesse sentido, tanto da Psicologia quanto da Antropologia?**

Não, tem havido um trabalho muito fraco. Acho que mais recentemente tem havido alguns trabalhos na psiquiatria, com a Neusa Santos, mas nada muito sistemático. Na Psicologia essa questão não ganha cunho acadêmico. Se bem que eu sei de um professor na Bahia que tem um trabalho sobre representação e estereótipos.

**3) Isso seria fruto daquele pensamento que diz que no Brasil não existe racismo?**

Esse é mais do que um pensamento, já é uma atitude cristalizada. Além de ser um comportamento cristalizado, é também uma espécie de ponto de vista. Existe toda uma blindagem cognitiva. O acesso a determinadas falas que caminham no encontro do desaparecimento do sujeito em relação a essas atitudes é sempre muito bem-vindo. O racismo se cristalizou não só de forma institucional, mas está muito arraigado dentro do imaginário dos indivíduos e no nacional. É muito difícil admitir. Não admitir tem a ver com a forma sólida e definitiva com que determinadas formas de ver se consolidaram.

**4) Você disse que, segundo a Lílian Schwartz, há alguns setores dominados pelos brancos, como a medicina. Você acha que por esse meio acadêmico também ser um meio em que dominam brancos, o fato de essas pessoas não serem atingidas pelo racismo influencia na falta de pesquisas sobre o tema?**

Exato. Tem duas coisas: o fato de não terem vivido a experiência e também uma cultura de supremacia, uma cultura muito arrogante e totalitária que se consolidou no Brasil. Então, nem se pensa na possibilidade de respeitar a dor do outro nesse aspecto. Se essa dor fosse colocada em relevância, já melhoraríamos muito. Mas ela não é considerada como tal, porque se não existe o racismo, não existe a dor do racismo. Existe um silogismo por detrás desse jogo de máscaras não-racista que vai muito além da aparência. Acho que o ataque maior é na estrutura e não na aparência.

**5) Isso teria relação com uma dissimulação do racismo?**

Dissimulação é uma palavra muito significativa nesse caso. Dissimulação no Brasil é muito mais do que esconder, camuflar, é uma política comportamental que faz parte da informalidade. O que é essa informalidade do brasileiro? É uma parte da dissimulação. Essa personalidade é uma forma de dissimular o peso institucional. A dissimulação é muito mais do que um conceito classificador, no Brasil ela é uma forma de engatilhar uma série de práticas de discriminação que são muito comuns

no cotidiano brasileiro. É a forma que reitera a validade desses estereótipos e dessas formas de exclusão.

### **6) Que tipo de enfrentamento seria cabível para uma discriminação desse tipo, dissimulada e não tão visível?**

A dissimulação é, como eu disse, a forma que engatilha os estereótipos e a discriminação, o chamado racismo cordial. Mas quem vive o racismo e outras formas de exclusão desenvolveu mecanismos de percepção, uma capacidade de leitura e de antecipação dessas situações muito grande, até por uma necessidade de sobrevivência. Então, ele é dissimulado, mas quem sofre o vê. Só quem não vê é o conjunto que não sofre e que poderia se solidarizar.

### **7) Negros e brancos têm papéis diferentes nesse processo?**

Claro. Cabe ao negro cada vez mais evitar qualquer tipo de submissão e de dissimulação dessa dor. É uma dissimulação generalizada. Tem todo um efeito de contra-poder – você dissimula a dor ao mesmo tempo em que dissimula a agressão. Acho muito importante o papel dos brancos que se aliam a esse tipo de confronto, de denúncia, de também estarem atentos para aprender com o explorado, o colonizado, de que maneira essa dor se manifesta e até dela tirar proveito. Tem também que atacar outros brancos que façam uso dessa arma. Há uma aproximação entre as práticas do branco e do negro. A diferença é que o negro sente essa dor e o branco vai se solidarizar com essa dor.

### **8) Qual a importância de trazer à tona os heróis negros da História nacional?**

A importância é quebrar essa vacuidade no que diz respeito à representação de sujeitos que operaram na construção desse país. O imaginário nacional não é povoado por símbolos que transfigurem a imagem do negro. Esse projeto tem uma missão pedagógica, que é a de construir essas imagens no imaginário nacional. Construir o lugar da importância de uma população que tem sido considerada não tão fundamental na construção do país. Mostrar que não só através do escravo o país foi construído, mas também através das letras, das artes, da ciência, da filosofia, da tecnologia, e o negro está presente nesses campos também como operador desse processo.

### **9) Qual foi a primeira vez que você se deparou com o racismo?**

Não lembro a primeira vez, mas creio que fui muito menos atingido do que muitos outros que têm um fenótipo mais acentuado que o meu, uma taxa de melanina maior. Isso eu vejo, por exemplo, por boa parte da minha família, que é muito misturada. Eu sempre percebia quando saía com primos meus, mais “melanínicos”, determinados olhares.

Talvez a minha consciência para o racismo tenha se dado por essa minha sensibilidade para coisas não-verbais. É esse o lugar por onde essa dissimulação se realiza, essa forma tida “cordial” do racismo. Ela passa muito pelo olhar – pela interdição através do olhar, através do gesto. A vocação que os olhares e os gestos têm de desdém, de desqualificação, de indiferença, de humilhação. Ele é muito mais manifesto nesse aspecto, que através de atos e formulações não verbais, ele atinge diretamente na alma. Talvez seja muito mais doloroso. Você não tem um lugar onde está escrito “proibida a entrada de negros”, mas tem um olhar que, ao você entrar num lugar, o desqualifica, o humilha, o coloca indiferente, te obriga a sair daquele lugar, pela energia daquele olhar. Isso é mais corriqueiro e isso eu vivi, até aprender a levantar a cabeça para isso. Demora um tempo, porque essa

pedagogia não é institucional, é dada pela própria violência ou pela transmissão de outros.

Isso que eu chamo de forma não verbal do racismo são todas essas figurações muito violentas da alteridade. No Brasil, ela é assim, tem o famoso olhar de humilhação, de desdém, da indiferença. É uma forma extremamente pesada. Isso você vai ter no trabalho, no restaurante, na condução que você pega. Tem aquele racismo explícito, mas esse não-verbal é muito mais corriqueiro, é o coloquial. O racismo explícito já exige uma tal dose de ousadia que não é compatível com a covardia do brasileiro no que diz respeito a essa questão.

### **10) Como antropólogo, seu trabalho já começa tendo como objeto essa questão?**

Exato. Minha tese de doutorado é uma discussão entre categorias do pensamento que são usadas no cotidiano como ferramentas cognitivas para a produção de identidade e resistência. Uso a idéia de ginga e a idéia de "cool", faço uma análise dessas categorias e vejo como elas atuam no cotidiano, através do trabalho de campo no Halem, em Nova Iorque, e na Mangueira. Então eu vejo como através da fala e como a enunciação em determinadas categorias, como a idéia de ginga e a de "cool", para os americanos, vem acompanhada de uma série de gestos, de projetos, de horizontes, atitudes e comportamentos e como elas têm uma matriz performática muito forte que também está aliada, no campo da política, a uma performance articulada à resistência de ambas as experiências negras.

Nos EUA, a idéia de "cool" está ligada ao jazz e, no Brasil, a idéia de ginga está ligada à capoeira. Então, eu construo toda uma cadeia semântica que articula essas duas operações lingüísticas que são absolutamente corriqueiras, não somente enunciadas por negros, mas também por brancos, em ambos os países, e como isso tem uma diferenciação no uso de falantes que estejam diretamente ligados a essas performances e à comunidade. Eu tenho uma preocupação com essa dimensão performática da comunicação, seja lingüística ou cotidiana. Ou seja, o aspecto performático da interação social e como através dele o racismo se manifesta, a exclusão e o estereótipo. E como através das interações entre os sujeitos se dão as relações de poder.